

**PET Indígena**

10 de junho de 2020 · 🌐



Me chamo Sônia Jeanjacque, indígena do povo Galibi Kali'na e Karipuna, pertencço a Aldeia Galibi, região do Rio Oiapoque, porém devido aos estudos moro no município de Oiapoque, com meu companheiro e meus filhos: Marcela de 15, Manuela de 12, Samilly de 10 e o Pietã de 03 anos. No início do isolamento avalei a possibilidade de ir para minha comunidade, porém cheguei à conclusão que deveria me manter na cidade para evitar um possível contágio com a minha participação, já que não sabíamos se estávamos ou não infectados. Logo após este período de reflexão percebi que era o certo, assim como seguir as recomendações das lideranças e representações indígenas, que estavam pedindo e conscientizando as pessoas (indígenas e parceiros) para não adentrarem nas aldeias, como forma de tardar e até mesmo barrar a entrada do vírus nas comunidades indígenas, já que no Amapá haviam casos confirmados e sabemos que estamos lidando com um inimigo invisível.

O momento que senti mais medo foi quando soubemos do primeiro caso no Oiapoque e, logo depois, meu irmão, que é enfermeiro, começou a apresentar os sintomas de Covid-19. Bateu o desespero porque não sabíamos o que podíamos fazer por ele, logo nos primeiros sintomas meu irmão se isolou, ficou longe de nós. O caso dele foi confirmado e nosso medo é que ele, em um momento que precisasse de nós, de sua família, nós não estaríamos ao lado dele para ajudar. Também tive medo da reação do nosso pai com essa situação. Meu pai já perdeu nossa mãe, teve uma série de mortes recentes na nossa família, e isso tudo deixou ele mais vulnerável a essas situações.

Nos isolamos em casa, procuramos evitar ao máximo o contágio, sair de casa somente quando necessário e, no retorno, sempre tomar logo banho e deixar as roupas de molho (em água com sabão e água sanitária). As compras lavamos tudo o que pode ser lavado e nas outras passamos álcool, pois, a preocupação é grande e para quem é mãe, principalmente, quando pensamos nos nossos filhos, ficava imaginando se caso viessem a ficar doentes e precisassem ir ao hospital e não pudesse acompanhá-los, isso é angustiante. Foram noites sem poder dormir por saber que meu irmão estava doente e que ninguém podia fazer nada para ajudá-lo, a não ser pedir à Deus e para nossos grandes espíritos para que o ajudasse a ficar bem o mais rápido possível.

Essa última semana meu esposo foi diagnosticado com Covid-19, depois eu e minha cunhada também fomos. Todos vivem na mesma casa, ou seja, bem provável que meus filhos também estejam contaminados. Mas quando o resultado do exame saiu, nós já tínhamos passado pelo pior, os sintomas já estão passando e nos recuperamos bem. No entanto, por se tratar de uma doença desconhecida, não sabemos quais as sequelas que iremos ter.

Não temos mais avós, então a nossa preocupação é com meu pai e uma tia, que já passou por várias cirurgias e tem problemas de pressão alta. Também me preocupo com os parentes e amigos e até mesmo com quem não conheço, não queremos que eles sejam contagiados. Quando meu pai soube que estávamos com sintomas da doença ficou muito preocupado, mas soube manter a calma, é preciso ter calma, isso é muito importante. Acho que ele estava mais calmo porque meu irmão já tinha se curado, então ele sabia que podíamos nos curar também.

Nosso medo é porque tenho problemas respiratórios, e para pessoas como eu, essa doença é muito mais difícil, não sabemos como o organismo reage.

Desde o início da quarentena estamos fazendo chá para tomarmos (receita da minha avó Kali'na) e, talvez, isso possa ter ajudado a não evoluir para sintomas mais fortes. Há outro ponto importante nessa situação. Como lidar com as crianças e adolescentes que ficam em casa, presos, sem poder sair? É muito difícil. Minha filha de 15 anos, no começo, chorava muito, dizia que não estava aguentando ficar presa. Agora ela está mais calma, mas os outros também pedem para sair, embora eu não permita.

Meus filhos assistem jornal, os mais velhos conseguem entender, ficam preocupados com as notícias, com as mortes e com o aumento de números de casos aqui no Oiapoque. Durante todo esse período procuro manter o contato com a minha família que se encontra na aldeia, visto que meu pai e meu irmão estão lá, então, para evitar que venham aqui na cidade, busco fazer o possível para ajudá-los com as coisas que posso fazer daqui.

Esse período é de muita reflexão, pelos menos para mim. Quem somos? Quanto vale uma vida? O que realmente importa? Somos nada diante de um vírus invisível, capaz de parar o mundo, separar famílias, parar a vida corrida que muitos tem, tirar a dignidade de um ser humano mesmo depois de morto.

Mesmo durante esse período sombrio nunca perdi a esperança em dias melhores e nessas últimas semanas notei, em pequenos detalhes da natureza, nos dias de verão, no céu azul e nos ventos que sopram com uma delicadeza, que é como se os nossos grandes espíritos falassem através deles: "está passando, estamos aqui guiando vocês para que tudo dê certo, já passamos por muitas guerras no passado e vocês vão passar por esta no presente".

Oiapoque, 07 de junho de 2020.

Je m'appelle Sônia Jeanjacque, indigène du peuple Galibi Kali'na et Karipuna, j'appartiens au village Galibi, région de la rivière Oiapoque, mais en raison de mes études je vis dans la commune d'Oiapoque, avec mon partenaire et mes enfants : Marcela, 15 ans, Manuela, 12 ans, Samilly de 10 ans et Pietã de 3 ans. Au début de l'isolement, j'ai évalué la possibilité d'aller dans ma communauté, mais je suis arrivé à la conclusion que je devrais rester en ville pour éviter une éventuelle contagion avec ma présence, car nous ne savions pas si nous étions infectés ou non. Juste après cette période de réflexion, j'ai réalisé qu'il était juste, ainsi que de suivre les recommandations des dirigeants et des représentants indigènes, qui demandaient et faisaient prendre conscience aux gens (indigènes et partenaires) de ne pas entrer dans les villages, comme un moyen de retarder et même d'interdire la entrée du virus dans les communautés des indigènes, car il y a eu des cas confirmés à Amapá et nous savons que nous avons affaire à un ennemi invisible.

Le moment où j'avais le plus peur, c'est quand nous avons entendu parler du premier cas à Oiapoque et, peu de temps après, mon frère, qui est infirmier, a commencé à présenter les symptômes de Covid-19. Le désespoir nous envahissait parce que nous ne savions pas ce que nous pouvions faire pour lui, dès les premiers symptômes, mon frère s'est isolé, est resté loin de nous. Son cas a été confirmé et notre peur est que dans un moment où il avait besoin de nous, de sa famille, nous ne serions pas à ses côtés pour l'aider. J'avais aussi peur de la réaction de notre père à cette situation. Mon père a déjà perdu notre mère, a eu une série de

décès récents dans notre famille, et tout cela l'a rendu plus vulnérable à ces situations. Nous nous isolons à la maison, essayons d'éviter la contagion autant que possible, nous ne quittons la maison que lorsque cela est nécessaire et, en retour, prenons toujours une douche et laissons les vêtements tremper (dans l'eau et du savon et de l'eau de Javel). Après les achats, nous lavons tout ce qui peut être lavé et dans d'autres nous passons de l'alcool, parce que l'inquiétude est grande et pour celles qui sont mères, surtout quand nous pensons à nos enfants, je me demandais s'ils tomberaient malades et auraient besoin d'aller à l'hôpital et que je ne pourrais pas les accompagner, c'est pénible. Il y avait des nuits où je ne pouvais pas dormir parce que je savais que mon frère était malade et que personne ne pouvait rien faire pour l'aider, sauf demander à Dieu et à nos grands esprits de l'aider à se rétablir le plus tôt possible.

La semaine dernière, mon mari a été diagnostiqué de Covid-19, puis ma belle-sœur et moi aussi. Nous vivons tous dans la même maison, c'est-à-dire qu'il est très probable que mes enfants soient également contaminés. Mais lorsque le résultat du test est sorti, nous avons déjà traversé le pire, les symptômes sont déjà passés et nous nous sommes bien rétablis. Cependant, comme il s'agit d'une maladie inconnue, nous ne savons pas quelles en seront les conséquences.

Nous n'avons plus de grands-parents, donc notre préoccupation est pour mon père et une tante, qui a subi plusieurs interventions chirurgicales et qui a des problèmes d'hypertension. Je m'inquiète également pour les parents et amis et même ceux que je ne connais pas, nous ne voulons pas qu'ils soient infectés. Quand mon père a appris que nous étions avec les symptômes de la maladie, il était très inquiet, mais il savait garder son calme, il faut être calme, c'est très important. Je pense qu'il était plus calme parce que mon frère avait déjà guéri, alors il savait que nous pouvions aussi guérir. Notre peur, c'est parce que j'ai des problèmes respiratoires, et pour des gens comme moi, cette maladie est beaucoup plus difficile, nous ne savons pas comment l'organisme réagit.

Depuis le début de la quarantaine, nous préparons du thé à boire (recette de ma grand-mère Kali'na) et, peut-être, cela a aidé à ne pas évoluer vers des symptômes plus forts. Il y a un autre point important dans cette situation. Comment faire face aux enfants et adolescents qui restent à la maison, enfermés, sans pouvoir sortir ? C'est très difficile. Ma fille de 15 ans pleurait beaucoup au début, disant qu'elle ne supportait pas d'être enfermée. Maintenant, elle est plus calme, mais les autres demandent également à sortir, bien que je ne le permette pas.

Mes enfants regardent le journal, les plus âgés peuvent comprendre, ils sont préoccupés par les nouvelles, par les décès et par l'augmentation du nombre de cas ici à Oiapoque. Tout au long de cette période, j'essaie de rester en contact avec ma famille qui est dans le village, puisque mon père et mon frère sont là, donc pour les empêcher de venir ici en ville, j'essaie de faire de mon mieux pour les aider dans leurs activités que je peux faire ici.

Cette période demande beaucoup de réflexion, surtout pour moi. Qui sommes-nous ? Combien vaut une vie ? Qu'est ce qui compte vraiment ? Nous ne sommes rien devant un virus invisible, capable d'arrêter le monde, de séparer les familles, d'arrêter la vie bien remplie de beaucoup de gens, d'enlever la dignité d'un être humain même après sa mort.

Même pendant cette période sombre, je n'ai jamais abandonné l'espoir de voir des jours

meilleurs et ces dernières semaines, j'ai remarqué, dans les petits détails de la nature, dans les jours d'été, dans le ciel bleu et dans les vents qui soufflent avec délicatesse, que c'est comme si nos grands esprits parlaient à travers eux: "ça va passer, nous sommes ici pour vous guider afin que tout se passe bien, nous avons traversé de nombreuses guerres dans le passé et vous allez traverser celle-ci dans le présent."

Oiapoque, 7 juin 2020.

Traduit par Darleine Esther Joseph

My name is Sonia Jeanjacque, indigenous of Galibi Kali'na and Karipuna people, and I belong to Aldeia Galibi, region of the Oiapoque River, but due to my studies I live in the municipality of Oiapoque, with my partner and my children: Marcela 15, Manuela 12, Samilly 10 and Pietã 3 years old. At the beginning of the isolation I evaluated the possibility of going to my community, but I came to the conclusion that I should stay in the city to avoid being a potential spreader, since we did not know if we were infected or not. Soon after this period of reflection I realized that it was the right thing to do, as well as to follow the recommendations of the indigenous leaders and representations, who were asking and raising awareness among people (indigenous people and partners) not to enter the villages, as a way of delaying and even keep the indigenous communities from getting infected, since in Amapá there were confirmed cases and we know that we are dealing with an invisible enemy.

The moment I was most afraid was when we heard about the first case in Oiapoque and soon after, my brother, who is a nurse, began to present the symptoms of Covid-19. We were desperate because we did not know what we could do for him, so at the first symptoms my brother isolated himself and stayed away from us. His case was confirmed and our fear is that at a time when he needed us, his family, we would not be by his side to help him. I was also afraid of our father's reaction to this situation. My father has already lost our mother, had a number of recent deaths in our family, and this has left him more vulnerable to these situations. We isolate ourselves at home, try to avoid contagion as much as possible, leave home only when necessary and, on the way back, always take a shower and let the clothes soak (in soapy water and sanitary water). We wash everything that can be washed and on the others we pass alcohol, because the concern is great and for those who are mothers, especially when we think about our children, I wondered if they would get sick and need to go to hospital and could not accompany them, this is distressing. Those were nights when I couldn't sleep because I knew that my brother was sick and that nobody could do anything to help him, except ask God and our great spirits to help him get well as soon as possible.

This last week my husband was diagnosed with Covid-19, then me and my sister-in-law too. They all live in the same house, which means that my children are probably also contaminated. But by the time the test results came out, we had already gone through the worst, the symptoms were already disappeared and we recovered well. However, because it is an unknown disease, we don't know what the after-effects will be.

We don't have any more grandparents, so our concern is with my father and an aunt, who has already undergone several surgeries and has high blood pressure problems. I also worry about relatives and friends and even those I don't know, we don't want them to be infected. When my father found out that we were having symptoms of the disease, he was very worried, but he

knew how to keep calm, you have to be calm, this is very important. I think he was calmer because my brother had already healed himself, so he knew that we could heal too. Our fear is because I have breathing problems, and for people like me, this illness is much more difficult, we don't know how the organism reacts.

Since the beginning of quarantine we have been making tea to drink (my Kali'na grandmother recipe) and perhaps this may have helped our symptoms not to grow stronger. There is another important point in this situation. How to deal with children and teenagers who stay at home, trapped, unable to get out? It's very difficult. My 15-year-old daughter cried a lot at first, saying she couldn't stand being stuck. Now she is calmer, but the others also ask to leave, although I don't allow it.

My children watch the news, the elders can understand, they are worried about the rising number of daily new reported cases and deaths here in Oiapoque. Throughout this period I try to keep in touch with my family in the village, since my father and brother are there, so to avoid them coming here in the city, I try to do my best to help them with the things I can do here. It's a deep thinking period, at least for me. Who are we? How much is a life worth? What does it really matter? We are nothing in front of an invisible virus, capable of stopping the world, separating families, stopping the running lifestyle that many have, taking away the dignity of human beings even after death.

Even during this dark period I never lost hope for better days and in these last few weeks I noticed, in small details of nature, in the summer days, in the blue sky and in the winds that blow with a delicacy, that it is as if our great spirits spoke through them: "it is almost over, we are here guiding you so that everything works out, we have already gone through many wars in the past and you will go through this one in the present".

Oiapoque, June 7, 2020.

Translated by Ruth Lydie Joseph

Me llamo Sonia Jeanjacque, indígena del pueblo Galibi-Kalina y Karipuna, pertenezco a la aldea Galibi, región del Río Oiapoque, pero debido a los estudios vivo en el municipio de Oiapoque, con mi pareja y mis hijos: Marcela de 15, Manuela de 12, Samilly de 10 y Pietã de 03 años.

Al comienzo del aislamiento evalué la posibilidad de ir a mi comunidad, pero llegué a la conclusión de que debía quedarme en la ciudad para evitar un posible contagio de mi parte, ya que no sabíamos si estamos o no infectados. Después del período de reflexión percibí que era lo correcto, así como seguir las recomendaciones de los líderes y representaciones indígenas, que estaban pidiendo y concienciando a las personas de no adentrarse en las aldeas, como forma de retrasar e incluso evitar que entre el virus en las comunidades indígenas, ya que en Amapá habían casos confirmados y sabemos que estamos lidiando con un enemigo invisible. El momento que sentí más miedo fue cuando supimos del primer caso en Oiapoque y después mi hermano que es enfermero comenzó a presentar síntomas del Covid-19. Entró el desespero porque no sabíamos que hacer por él, en los primeros síntomas mi hermano se aisló y se alejó de nosotros. Su caso fue confirmado y nuestro miedo está en que, en un momento como este en el que él necesita de su familia no estaremos allí para ayudarlo.

También tuve miedo de la reacción de nuestro padre ante esta situación. Mi padre ya perdió a nuestra madre, hubo una serie de muertes recientes en nuestra familia y todo eso le dejó

vulnerable a estas situaciones. Nos quedamos en casa procuramos evitar al máximo el contagio, salir de casa solo cuando es necesario y al regreso tomar un baño inmediatamente, y sumergir las ropas en agua y jabón.

De las compras realizadas lavamos todo lo que puede ser lavado y las otras las limpiamos con alcohol, pues la preocupación es grande cuando una es madre, principalmente cuando pensamos en nuestros hijos, me ponía a pensar por si acaso se ponían enfermos y fuese necesario ir al hospital, y no pudiese acompañarlos, eso es angustiante.

Fueron noches sin poder dormir porque mi hermano estaba enfermo y que nadie podía hacer nada para ayudarlo, a no ser pedir a Dios y a nuestros grandes espíritus a que lo ayuden a ponerse mejor lo más rápido posible. Esta última semana mi esposo fue diagnosticado con Covid-19, después mi cuñada y yo fuimos diagnosticadas también.

Todos vivimos en la misma casa, es decir, que es probable que mis hijos estén contaminados. Pero cuando salió el resultado del examen, nosotros ya habíamos pasado por lo peor, los síntomas ya están pasando y nos estamos recuperando bien. Sin embargo por tratarse de una enfermedad desconocida, no sabemos qué secuelas tendremos.

No tenemos abuelos, por lo tanto nuestra preocupación es con mi padre y una tía, que ya pasó por muchas cirugías y tiene problemas de presión alta. También me preocupo por mis parientes, amigos e incluso por personas que no conozco no queremos que sean contagiados. Cuando mi padre supo que estaba con síntomas de la enfermedad se preocupó mucho, pero supo mantener la calma, es necesario estar tranquilo, eso es muy importante.

Pienso que él estaba más tranquilo, porque mi hermano ya se había curado, por lo tanto él sabía que nos podíamos curar también. Nuestro miedo es porque tengo problemas respiratorios y para personas como yo, esta enfermedad resulta más difícil y no sabemos cómo reaccione mi organismo. Desde el inicio de la cuarentena estamos haciendo té para tomar y tal vez eso haya ayudado a que la enfermedad no se evolucione a síntomas más graves.

Hay otro punto importante en esta situación. ¿Cómo lidiar con los niños y adolescentes a que se queden en casa? Es muy difícil, mi hija de 15 años, al inicio lloraba mucho, decía que no estaba aguantando estar presa. Ahora está más tranquila, pero los otros también quieren salir aunque no lo permita.

Mis hijos ven los telediarios, los más mayores logran entender, se quedan preocupados con las noticias, con las muertes y con el aumento de números de casos aquí en Oiapoque. Durante este período intento mantener contacto con mi familia que se encuentra en la aldea, ya que mi padre y mi hermano están allí, por lo tanto para evitar a que lleguen a la ciudad, busco forma de ayudarles con lo que pueda aquí.

Este período es de mucha reflexión, por lo menos para mí. ¿Quiénes somos? ¿Cuánto vale una vida? ¿Qué importa realmente?

Somos nada ante un virus invisible, capaz de parar al mundo, separar familias, parar la vida estresada que muchos tienen, sacar la dignidad de un hombre aun después de morir.

Aun durante este periodo sombrío nunca perdí la esperanza en días mejores y en estas últimas semanas, noté en pequeños detalles de la naturaleza, en los días de verano, en cielo azul y en los vientos que soplan con una delicadeza, que es como si nuestros grandes espíritus hablasen a través de ellos.


" Está pasando, estamos aquí guiandoles para que todo salga bien, ya pasamos por muchas guerras en el pasado y ustedes van a pasar por esta en el Presente"

Oiapoque, 07 de junio de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu



PET Indígena
Site educacional

 Enviar mensagem

   133

17 comentários 60 compartilhamentos